

## **NO ESCURINHO DO CINEMA: O CONE SUL ENTRE A ALEMANHA NAZISTA E A PRESSÃO ALIADA (1940-1945)**

Mónica Sol Glik<sup>1</sup>

solglik2@yahoo.es

### **Resumo**

A partir de 1940, o *American Way of Life* chegava a América Latina por meio de uma ofensiva de persuasão ideológica sem precedentes, que levaria ao cinema imagens relativas à superioridade militar dos Estados Unidos. Numerosos documentos diplomáticos confirmam os temores de Washington frente à suposta formação de uma “quinta coluna” no Cone Sul, com especial atenção a Argentina e Brasil, países colocados sob suspeita, devido à numerosa presença de imigrantes europeus. Os serviços diplomáticos de Argentina, Estados Unidos e Alemanha reagem frente a este fenômeno nos momentos prévios à ruptura das relações de Argentina com o Eixo. O material produzido pelos estudos de Hollywood e exibido nos cinemas de Buenos Aires constitui uma importante fonte para pensar esta problemática.

**Palavras-chaves: Pan-americanismo, Cinema, Representação**

### **Abstract**

From 1940, the American Way of Life came to Latin America by an unprecedented ideological persuasion, it would take to film images for the military superiority of the United States. Numerous diplomatic documents confirm the fears of Washington before the alleged formation of a "fifth column" in the Southern Cone, with special attention to Argentina and Brazil, countries placed under suspicion, due to the large presence of European immigrants. The diplomatic services of Argentina, the United States and Germany react against this phenomenon in the moments prior to the rupture of relations of Argentina with the Axis. The material produced by the studies of Hollywood and shown in theaters in Buenos Aires is an important source for thinking about this problem.

**Key-words: Panamericanism, Cinema, representation**

Quando éramos crianças, o meu irmão escolhia as brincadeiras. A sua preferida era a da guerra, e ele -menino e mais velho do que eu- distribuía personagens e papéis. Pra mim era sempre o mesmo: eu era o soldado alemão, aquele que sempre perdia, feroz, sanguinário e desprovido de qualquer qualidade. O meu irmão era, claro, o valente soldado norte-

---

<sup>1</sup> Máster em História Contemporânea, Universidade Autônoma de Madrid.  
Pesquisa financiada pelo programa FPU da Universidade Autônoma de Madrid.

americano. Cheio de atributos positivos, desfilava o seu heroísmo com a segurança dos ganhadores. Havia outra brincadeira possível, esta de cowboys e índios. Ali também eu perderia a inútil batalha do selvagem primitivo –novamente feroz e sanguinário- contra o corajoso desbravador do Oeste americano. Não havia saída para mim, nem para índios, alemães, japoneses ou russos. Ninguém poderia vencer a viril superioridade americana.

Estas brincadeiras infantis tentavam reproduzir, claro está, o que víamos nas telas do cinema e da televisão durante a Guerra Fria. Os filmes de Hollywood colocavam em prática as estratégias próprias de uma lição muito bem aprendida durante a década de 1940: o valor das representações de si e do outro na luta pela conquista e a expansão. Compreender como tais recursos podem ser articulados pelo Estado, de que forma ambos se vinculam e quais são os seus alcances e limites, implica um exame complexo. Onde se confundem ambas dimensões, a cultural e a política? De que formas opera esse sincretismo? Qual é o papel da iniciativa privada nas políticas culturais do Estado? Quando falamos dos Estados Unidos, esta dimensão cultural da política assume as proporções do seu êxito no século XX.

### **Os Estados Unidos e o Cone Sul: os suspeitos de sempre**

Em uma carta interceptada pela policia especial do presidente Getúlio Vargas, o agente secreto estadunidense “Jack” assegura, em junho de 1941, que aquele “seria o momento perfeito” para que os Estados Unidos “penetrassem com a sua cultura na sociedade brasileira”, acostumada a uma circulação de literatura e revistas francesas que agora via-se prejudicada pela guerra. O agente afirma que os brasileiros “são grandes freqüentadores de cinema”. Por outro lado, “admiram a força, a ordem e a organização”, e por este motivo a propaganda alemã teria tido mais sucesso entre este público do que a inglesa, pois as imagens que esta última trazia do fronte europeu mostrava aos seus soldados sujos e desajeitados. Os alemães, muito pelo contrário, mostravam um aspecto impecável, sapatos brilhantes, uniformes passados, barba feita.<sup>2</sup> O autor da carta não especifica entre que tipo de público brasileiro recolheu tais impressões, mas o que se pode inferir dos seus comentários é o interesse do governo norte-americano pelos aspectos culturais da sociedade brasileira, e a sua utilidade para o êxito no alcance de objetivos políticos. A intensa atividade de “Jack” no Rio de Janeiro, assim como a de outros colegas seus, tinha por objetivo alimentar um sistema de informação sobre o cotidiano de brasileiros e brasileiras. Mais ainda, sobre os modos de ver,

---

<sup>2</sup> Carta do agente “Jack” a J. Kayston. Rio de Janeiro, 01/06/1941 Arquivo: CPDOC/Série Confidencial. 1941.06.01. Microfilme: rolo 19 -579 a 581

pensar e sentir a realidade que lhes tocava viver naqueles complicados anos da guerra européia.

As preocupações do governo norte-americano se baseavam numa possível influência ideológica do nazi-fascismo europeu, e estendiam-se a todos os países que tinham recebido uma numerosa imigração italiana y germânica entre os séculos XIX e XX. Particularmente os do Cone Sul e, muito especialmente, Argentina e Brasil. Estes dois, pela sua extensão territorial, a sua população, a sua posição continental, o seu potencial econômico e a sua influencia hemisférica, eram claramente estratégicos para os planos do presidente Franklin Delano Roosevelt, quem tinha impulsionado uma importante mudança nos modos de se relacionar com a América Latina, através da sua política de boa vizinhança, a “Good Neighbor Policy”. Implantada desde que Roosevelt assumiu o governo dos Estados Unidos em 1933, abandonava o implacável “Grande Garrote” (“Big Stick”), com o que o seu tio Theodore Roosevelt e os seus sucessores tinham até então se relacionado com os seus vizinhos continentais. Apoiado na plataforma discursiva que lhe proporcionava o Pan-americanismo idealizado por Simón Bolívar em 1824, iluminado pela Doutrina Monroe e os princípios fundadores do Destino Manifesto, este novo Roosevelt inaugurava uma importante etapa nas relações intercontinentais, na que as habituais pretensões hegemônicas do seu país chocariam, principalmente, com a resistência argentina. A adoção desta nova política estadunidense aliaria a prática diplomática com o poder militar e, pela primeira vez, com uma estratégia de “penetração” cultural nos países que compunham o espectro de interesses. Esta nova prática de “guerra” contará com um arsenal de artefatos culturais, cuja instrumentalização será diretamente coordenada pelo Departamento de Estado norte-americano. A implementação desta nova política “de boa vizinhança” significará, a partir de então, uma significativa intromissão na esfera privada, que causará um poderoso e duradouro impacto na vida das pessoas. Como afirmam os historiadores brasileiros Gerson Moura (1984) e Pedro Tota (2000), o Departamento de Estado norte-americano, através da criação, em agosto de 1940, da *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA)*, produziu, controlou e apoiou, direta ou indiretamente, diversas iniciativas que nos âmbitos do cinema, da imprensa, do rádio e da literatura popular chegaram ao Brasil nos anos 40 do século XX, portando os valores do *American Way of Life*.

Para os Estados Unidos, por diversos motivos, Argentina se transformou no principal suspeito de colaborar com o regime nazista, embora nada pudesse provar o seu envolvimento

direto com o governo do Terceiro Reich. A sua polêmica “neutralidade” frente ao conflito europeu, sustentada a força de decretos nacionais, regionais e - incluso- municipais, estimulou a desconfiança do governo de Washington, que estava atento á notória simpatia de alguns setores da política argentina pelo regime franquista que tinha triunfado na Guerra Civil Espanhola, especialmente aos discursos que enfrentavam as representações da “Hispanidade” á retórica do “Pan-americanismo” (OLEAGA, 2006). A prensa norteamericana, de diversas formas, colaborou na difusão desta imagem de uma Argentina pro-nazista. (figura 1)

Para ver esta película, debe  
disponer de QuickTime™ y de  
un descompresor .

Figura 1. Artigo publicado na revista Colliers, de New York, de 18/04/1942; titulado: “Argentina, porta de entrada do Eixo” (ARGENTINA: AXIS GATEWAY)“A pior fenda na armadura do nosso hemisfério está na Argentina, onde um governo favorável ao Eixo, amém da imoralidade oficial, a existência de uma prensa controlada e de uma vasta e ativa quinta coluna, estão dando aos nossos inimigos exatamente o ambiente do qual mais eles gostam”-

Os historiadores das Relações Internacionais são unânimes em afirmar que o fator de maior peso nessas tensões foi a recusa do país sul-americano a assinar o tratado de mutua defesa continental proposto por Washington, no encontro de Chanceleres do Rio de Janeiro, em 1942 (RAPOPORT, 1995; ROCK, 2002; Mc CANN, 1979, MAC DONALD, 1980). Estes valiosos aportes, porém, utilizam como fontes os tratados comerciais, as atas das conferências interamericanas, as estatísticas de exportações e os documentos elaborados pelos governos envolvidos. Mesmo considerando o contexto internacional da guerra e o papel que a Grã Bretanha, o Japão, a Alemanha e a Itália desempenhavam no jogo de forças, nestes trabalhos o foco está centrado nas relações bilaterais; sejam estas entre os Estados Unidos e a Argentina, entre os Estados Unidos e o Brasil ou entre este último e a Argentina.

A crescente demanda por trabalhos capazes de ultrapassar os horizontes das histórias nacionais estimula a procura por novos enfoques. No problema que aqui se trata, parece possível deslocar o foco da atenção para as correntes culturais que atravessaram as Américas durante a primeira metade do século XX, e cujos artefatos veremos emergir com força durante a Guerra Fria, não somente na América, senão também na Europa Aliada. Nesse sentido, pode-se dizer que o cinema norte-americano opera como um eixo discursivo transnacional. Porém, o século XX é fortemente informado pelo Estado, e será justamente através da implementação de uma nova política diplomática que se propiciará a interação do público com o privado. A esta altura, cabe lembrar que, como assinala Sean Purdy (2007, p. 3), a existência ou não de conexões transnacionais é uma questão empírica, que depende do nível de análise e do assunto sob investigação. Não se trata de abandonar as histórias locais, mas de recortá-las e projetá-las numa dimensão global. Ao trabalhar numa escala tão ampla como a que aqui se propõe, isto pode ajudar a afastar o risco de produzir uma visão unificada da cultura.

### **Luz, Câmera, Tensão.**

No mês de janeiro de 1942, o Encarregado de Negócios da Embaixada alemã em Buenos Aires enviava um Memorando ao Ministério de Relações Exteriores da Argentina, para informar que *Crítica* -o jornal de maior circulação no país naquela época- publicava na sua edição do dia 10 daquele mês, uma caricatura “cuja legenda diz que o gravado representa ao Marechal do Reich, Hermann Göring”. O autor do documento, explica, não desejava deixar de chamar a atenção das autoridades sobre esta publicação, “destinada a injuriar a um alto oficial do Reich e membro do Governo Alemão, e que pretende difundir um conceito

tendencioso sobre a situação política na Alemanha”<sup>3</sup>. O funcionário alemão amparava a sua queixa no artigo 1º, inciso A, do documento dirigido pela Chefatura de Polícia, a respeito da distancia que devia guardar a prensa durante o estado de sitio, “para fazer efetiva a neutralidade da Nação Argentina frente a outras nações em conflito (...) que perturbem a posição internacional adotada pela República para a defesa do continente americano ou o relacionamento amistoso da Nação com outros países<sup>4</sup>”. No seu discernimento, as caricaturas, eram “uma representação grosseira de pessoa ou coisa”, e por tanto, violavam dito artigo.

Desde 1928, pelo menos, a Embaixada da Alemanha vinha formulando diversas reclamações sobre artigos, caricaturas, e produções cinematográficas, que considerava ofensivas para o seu país e para “os homens do governo alemão”. Numerosos documentos dão conta de uma intensa batalha diplomática onde as armas escolhidas serão as auto-representações (o valor, a coragem, a virilidade, a beleza, a superioridade bélica e tecnológica) e as representações, sempre antagônicas, do “outro” (a covardia, a feminilidade, a feiúra, o atraso, a ignorância, a brutalidade). Apesar das suas reclamações, as autoridades alemãs também apoiaram a produção de conteúdos considerados como propaganda de guerra. Distribuíram-se na Argentina filmes e documentais de produção germana, também estimulou-se de diversas formas a circulação de publicações de alto teor nazista, como *Clarínada*, que por sua vez suscitou as queixas do governo estadunidense, pelo alto teor anti-semita que espremiavam as suas páginas, que contavam unicamente com patrocínio publicitário de dos bancos oficiais, o Banco Nación e a Caja de Ahorros, “apesar da tendência política que essa publicação obedece e o espírito das suas caricaturas e comentários, pouco compatíveis com a posição oficial do país no âmbito internacional”<sup>5</sup> (figuras 2 e 3). Parece oportuno recordar a insistência de Roger Chartier (1992) na necessidade de compreender as lutas sociais *não somente como enfrentamentos econômicos ou políticos mas, também, como lutas de representação e de classificação*. Para Chartier (1994, pp. 5-19: 12), as lutas entre grupos *tem por armas as representações de si próprio e dos outros, as classificações sociais, a construção contraditória das identidades, as formas da dominação simbólica, etc..*

---

<sup>3</sup> Buenos Aires, 12/01/1942, Carta de E. O. Meynem, Encarregado de Negócios da Embaixada da Alemanha, a Guillermo Rothe, Ministro do Interior. Arquivo: Ministério de Relaciones Exteriores da República Argentina, Caixa 2, nº 16, Doc. K55/42

<sup>4</sup> Argentina, Jefatura de Policía. Decreto de Neutralidade, 04/09/1939

<sup>5</sup> Buenos Aires, 09/04/1942. carta de Mr. Roth, a Miguel J. Colaciati, Ministro de Relaciones Exteriores.. Arquivo: Ministério de Relaciones Exteriores. Caja nº 8, Expediente 0

Para ver esta película, debe  
disponer de QuickTime™ y de  
un descompresor.

Figura 2. Revista **Clarín**, p.17. Buenos Aires, Maio de 1943.

Para ver esta película, debe  
disponer de QuickTime™ y de  
un descompresor.

Figura 3. Portada de Clarín. Buenos Aires, Maio de 1943.

Com tudo, não é possível afirmar que o governo argentino, em sua totalidade, observasse a “germanofilia” da qual as autoridades de Washington desconfiavam. Vários setores da política, e inclusive das Forças Armadas, se manifestavam a favor da ruptura com o Eixo e o compromisso com os Aliados. Mas durante o governo do presidente em exercício, Ramón Castillo, o Ministério do Interior aceitou todas as solicitações da representação alemã em Buenos Aires, ordenando os cortes nos filmes norte-americanos de cenas consideradas ofensivas para o governo do Reich. Nenhuma delas, porém, provocou uma reação internacional tão contundente como a proibição de “O Grande Ditador”, de Charles Chaplin.

Apesar das súplicas da companhia distribuidora, a U.A. South American Corporation e das protestas do próprio Chaplin, a exibição do filme foi proibida em 27 de dezembro de 1940<sup>6</sup>. Desta vez, o pedido não tinha sido originado pela Embaixada da Alemanha, mas pelo embaixador da Itália, que apelou para “o grande sentimento de amizade que une a ambos povos” .

### **Algumas considerações**

Uma das versões que maior aceitação tem alcançado entre os historiadores das Relações Internacionais sustenta que a política *da boa vizinhança* formulada pelo presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt concentrou os seus esforços nas relações com Brasil para garantir uma aliança que lhe permitisse controlar o sul do continente americano. Assim, seria possível neutralizar as pretensões de liderança da Argentina, país que resistia as intenções intervencionistas dos Estados Unidos. Neste campo de idéias, o pan-americanismo formulado por Franklin D. Roosevelt seria a continuidade da doutrina do Destino Manifesto.

A retórica da *boa vizinhança* opera em sintonia com o discurso mediador do pan-americanismo, uma região discursiva onde se realizam múltiplas negociações e naturalizações. Através de uma dialética de inclusão (os americanos) e exclusão (os amigos do Eixo), decidia-se quem ficaria de fora, e quem, dentro. Neste sentido, o pan-americanismo entraria em conflito com outro discurso muito presente no contexto, *a Hispanidade*.

A implementação da política de *boa vizinhança* não significava uma ruptura nas intenciones hegemônicas do governo norte-americano, mas uma mudança na estratégia que permitisse a continuidade do controle sobre os países latinoamericanos por médio de uma ofensiva político-ideológica sem precedentes. Não se tratava simplesmente de transmitir o ideário da democracia liberal, mas também de convencer as pessoas que o modo de vida de os norte-americanos era melhor.

Chama particularmente a atenção que Washington acusasse Argentina de simpatizar com o nazismo e o fascismo, e desestimasse a proximidade de Vargas com os países do Eixo. Apesar de que os presidentes José Félix Uriburu e Juan Domingo Perón manifestaram em ocasiões a sua admiração pelo regime de Benito Mussolini, se faz necessário lembrar que

---

<sup>6</sup>Buenos Aires, 31/12/1940. carta de Guy P. Morgam, representante da U. A. South American Corporation e dos advogados Víctor Daniel Goytia e Roberto Daniel Goytia, a Julio A. Roca, Ministro de Relaciones Exteriores. Arquivo: Ministério de Relaciones Exteriores, caixa 4376, Expedientes 44576-R e 200283-M



durante o mandato de Getúlio Vargas passaram pelo governo de Argentina oito presidentes, alguns dos quais praticaram uma política de clara aproximação aos Estados Unidos.

Não se sustentam, assim mesmo, as tentativas de vincular à sociedade argentina com os fascismos europeus, apesar da numerosa presença de grupos nacionalistas. Maria Victoria Grillo (2006, pp. 231-256) afirma que a adesão à ideologia de Mussolini no despertava grande interesse, nem entre a comunidade italiana, nem entre os argentinos, e que ainda entre os grupos nacionalistas tais idéias eram reapropriadas segundo as circunstâncias locais. Fernando Devoto (2006) e Daniel Lvovich (2003) se ocuparam de examinar a heterogeneidade destes grupos, evidenciando a complexidade do entrançado ideológico que lhes subjazia. Já a respeito dos presuntos vínculos ideológicos entre o peronismo e o nazismo, Alejandro Horowicz (2005, pp. 56-66), ressalta que a emergência do peronismo coincide com o momento chave da Segunda Guerra em que estava já definido o vencedor. Horowicz, nos lembra que quando se produziu o golpe de 1943, a sorte do hitlerismo já estava decidida: “ao peronismo e a Perón toca-lhes atuar entre duas épocas”.

No período que nos ocupa, a emergência do público, como sujeito político, anima o interesse pelos significados compartilhados, como construtos históricos portadores de imaginários. Os autores que aqui citamos nos ajudam a compreender de que maneira isto representou, na década de 1940 do século XX, uma reconfiguração das esferas pública e privada, onde a propaganda e os meios de comunicação tiveram um importante papel. Porém, isso não implica a ausência de uma relativa autonomia por parte das pessoas, manifestada através de processos de apropriação e resignificação. Apesar que as pretensões de um e outro lado, que imaginassem um público passivo, “informado”, tratado, marcado e sem papel histórico, “a operação codificadora, articulada a partir dos significantes, faz o sentido que não é portanto definido como um depósito, por uma ‘intenção’ ou por uma atividade autoral” (CERTEAU, 1999, pp. 259-273). As imagens, cenas de filmes, representações impressas ou expressas portam elementos simbólicos que dialogam com os imaginários, aportam novas formas aos sentidos disponíveis. Mas o processo de apropriação e reinvenção fica por conta do leitor. Porém, adverte Certeau (1999, p. 272), “seja como for, sua maior autonomia não preserva o leitor, pois é sobre o seu imaginário que se estende o poder dos meios, sobre tudo o que deixa vir de is mesmo [...]”.

Este estudo pretende relacionar fontes primárias norte-americanas, argentinas e brasileiras, em diferentes suportes, para estabelecer um nexos entre as correntes culturais e

políticas que atravessaram as Américas ao longo dos anos 40 do século XX. Sob a perspectiva teórica da nova história cultural, investigará as estratégias de rechaço, integração ou reelaboração de práticas culturais, valoração e percepção do outro, trasvases culturais e ação dos atores transnacionais.

Trabalhar numa escala tão ampla e com tal diversidade de fontes desafia a historiadores e historiadoras, e supõe a difícil tarefa de evitar explicações automáticas resultantes de simplificados pressupostos de unidade cultural, quando se trata de processos complexos e diversos. Ao mesmo tempo, um exame demasiado fragmentado da cultura poderia obscurecer as zonas de intercâmbio e de experiências compartilhadas. Encontrar o equilíbrio nesta tensão, entre diversidade e unidade, supõe um cuidadoso exame das conexões entre distintas atividades, costumes, idéias, mitos e crenças, sem que isto suponha uma visão homogênea do passado.

A historiografia tem-se enriquecido notoriamente com os debates que emergiram nas últimas décadas. Variadas contribuições solicitam, nos últimos anos, a integração das histórias locais numa perspectiva mais ampla. Por outro lado, as enormes possibilidades dos novos enfoques culturais animam ao análise das histórias cruzadas, indagando as formas de circulação e mestiçagem e de ideários e valores, permitindo, assim, deslocar a análise para fora dos limites das histórias nacionais.

### **Referências: Bibliografia e Fontes**

Argentina, Jefatura de Policía. Decreto de Neutralidade, 04/09/1939

Buenos Aires, 09/04/1942. carta de Mr. Roth, a Miguel J. Colaciati, Ministro de Relaciones Exteriores.. Arquivo: Ministério de Relaciones Exteriores. Caja nº 8, Expediente 0

Buenos Aires, 31/12/1940. carta de Guy P. Morgam, representante da U. A. South American Corporation e dos advogados Víctor Daniel Goytia e Roberto Daniel Goytia, a Julio A. Roca, Ministro de Relaciones Exteriores. Arquivo: Ministério de Relaciones Exteriores, caixa 4376, Expedientes 44576-R e 200283-M

Carta do agente “Jack” a J. Kayston. Rio de Janeiro, 01/06/1941 Arquivo: CPDOC/Série Confidencial. 1941.06.01. Microfilme: rolo 19 -579 a 581.

Carta de E. O. Meynem, Encarregado de Negócios da Embaixada da Alemanha, a Guillermo Rothe, Ministro do Interior. Buenos Aires, 12/01/1942. Arquivo: Ministerio de Relaciones Exteriores da República Argentina, Caixa 2, nº 16, Doc. K55/42

CERTEAU, Michael de. **La invención de lo cotidiano**. México: Universidad Iberoamericana, 1999.

CHARTIER, Roger. “La historia hoy en día: dudas, desafíos, propuestas”. **Historias**, nº 31, México, 1993-1994, pp. 5-19: 12.

DEVOTO, Fernando. **Nacionalismo, fascismo y tradicionalismo en la Argentina moderna. Una historia**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

HOROWICZ, Alejandro. **Los cuatro peronismos**. Buenos Aires: Edhasa, 2005.

LVOVICH, Daniel. **Nacionalismo y antisemitismo en la Argentina**. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2003.

Mac DONALD, C.A. “The politics of Intervention: The United States and Argentina”, In: **Journal of Latinoamerican Studies**, Vol. 12, nº 2 (1980), pp.365-396.

Mc CANN, Jr., Frank D. “Critic of Stanley E. Hilton’s ‘Brazilian Diplomacy and the Washington –Rio de Janeiro-Axis during the World War II Era’”, In: **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 59, Nº 4, 1979, pp. 691-700.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. A penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLEAGA, Marisa González. “Panamericanismo e hispanidad en la política exterior argentina de la Segunda Guerra Mundial: la confrontación política en la creación de identidades colectivas”, In: **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe** (EIAL, Tel Aviv). Volumen 17, julio de 2006.

PURDY, Sean. “A história comparada e o desafio da transnacionalidade”, In: *Revista Eletrônica da Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha (ANPHLAC)*. Disponível em: <<http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro7/ensaio58.pdf>>. Acesso em: 06/09/2007.

RAPOPORT, Mario. “Argentina y la Segunda Guerra Mundial: mitos y realidades”, In: **E.I.A.L, Revista de Estudios Latinoamericanos y del Caribe**, Volumen 6, nº 1, junio de 1995.

ROCK, David; TORRE, Juan Carlos; RIZ, Liliana. “Argentina, 1930-1946. El Cono Sur desde 1930”, In: Josep Fontana y Gonzalo Pontón (directores) **Historia de América Latina**. Cambridge University Press, 1991. Barcelona: Crítica: 2002, v. 5, pp 4-155.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra SP: Cia das Letras, 2000.